

# CAIS DE ANGÚSTIA E SAUDADE: O BRASIL NA ESCRITA AUTOBIOGRÁFICA DE MIGUEL TORGA

## ANGUISH AND NOSTALGIA DOCKS: BRAZIL IN MIGUEL TORGA'S AUTOBIOGRAPHICAL WRITING

*Sarah Diva Ipiranga<sup>1</sup>*

*Bárbara Silva Teles de Menezes<sup>2</sup>*

---

### RESUMO

Miguel Torga (1907 – 1995) publicou seis volumes de memórias e dezesseis diários. Entre tantas lembranças, destaca-se o período em que viveu no Brasil (1919 - 1923), na fazenda dos tios, no interior de Minas Gerais. O desterro em terras brasileiras deixou marcas duradouras em sua vida e é recuperado em três livros: *A criação do mundo: os dois primeiros dias* (1937), o *Diário VII* (1956) e *A criação do mundo: o sexto dia* (1981). Diante das singularidades e das confrontações presentes nas duas primeiras narrativas, partimos para a investigação inicial dos modos específicos de recuperação do passado em textualidades diferentes: as memórias e o diário. A partir dessa modulação, o reencontro de *eu* do passado com o *eu* do presente possibilita uma série de reflexões que apontam para as diferentes percepções e escritas do mesmo fato e para as relações homem-natureza. Percebe-se, na análise, a intenção clara de um eu testemunhal que procura, na racionalização da experiência, a única forma de poder recuperá-la e expressá-la. No entanto, especificamente da escrita diarística, o *eu* permite a inserção de uma certa emotividade, que encontra no espanto momentâneo da vivência a possibilidade de vir à tona. Para subsidiar o caminho investigativo desse artigo, foi necessário o apoio das contribuições teóricas acerca da escrita autobiográfica, sobretudo de Georges Gusdorf, Paul Ricouer, Clara Rocha e Eugénia Vilela; e da análise *existencialista* da natureza através da Geografia Humanista proposta por Yi-Fu Tuan, dentre outras pesquisas.

PALAVRAS-CHAVE: Memória. Diário. Lugar.

## ABSTRACT

Miguel Torga (1907 – 1995) published six volumes of memories and sixteen diaries. Among his remembrances, it is highlighted the period he lived in Brazil (1919 – 1923), on his uncle's farm, in the countryside of Minas Gerais. The forced exile in Brazilian lands left permanent marks in his life and it is recovered in three books: *A criação do mundo: os dois primeiros dias* (1937), *Diário VII* (1956) and *A Criação do mundo: o sexto dia* (1981). In face of singularities and confrontations noticed in these two first narratives, we initially investigate the singular modes of the past recovery in different textualities: memories and diary. Starting from this modulation, the reunion of past self with present self allow series of reflections that point, to the different perceptions and writings of the same situation and to human-nature relationships. In the analyses, we can notice a clear intention of a self-witnesses that search in rationalization of the experience the only way to recover and express it. However, in many fragments, specifically of diary writings, the self weakens and allow the insertion of a certain emotionality, that find in the temporary fear of living the possibility to come out. Thus, to subsidize the investigative path of this article, it was necessary support of theoretical contributions about autobiographical writings, specially from George Gusdorf, Paul Ricoeur, Clara Rocha and Eugénia Vilela; and 'existentialist' analysis of nature through Humanist Geography proposed by Yi-Fu Tuan, among other researches.

KEYWORDS: Memory. Diary. Place.

Pensar em um eu narrador de si é colocar frente a frente, na posição de auto-observância, um eu do passado e um do presente. Enquanto um, o que escreve a recordação no tempo atual, se interroga para tentar (re)construir pela palavra as lembranças; o outro, aquele que viveu as experiências que serão contadas, vai abrindo as caixas das memórias. Georges Gusdorf, em *Decouvert de soi* (1948, p. 13, tradução nossa), nos diz que esse movimento de autorreflexão e escrita é um mecanismo da “consciência de si”, a qual “me lembra que eu sou. Ela não me ensina quem eu sou”<sup>3</sup>. O caminho, portanto, para a busca “íntima” parte de uma reflexão sobre o eu, como se esse sujeito sáisse de si, tornando-se um outro, que é seu constructo, mas também que se observa.

A partir da compreensão dessa duplicidade – recordar e escrever – e da inquietação que ela provoca no eu escritural, analisaremos, neste trabalho, duas obras de teor autobiográfico do escritor português Miguel Torga: *A criação do mundo: os dois primeiros dias* (1937) e *Diário VII* (1956). Apesar de produzidas em dois subgêneros diferentes (memórias e diário), ambas recuperam, em boa parte dos relatos, os anos que Torga que passou no Brasil. Inicialmente, iremos identificar as percepções da experiência nos

trópicos para, assim, confrontar os relatos em suas diversas modulações a partir das formas autobiográficas (memorialística e diarística). Mais adiante, o que marcará o foco da análise é a posição do texto diarístico como mediador entre as experiências, a recordação e a escrita.

## AS FORMAS DO EU: MODOS DE NARRAR

Em *A criação do mundo*, o escritor revisita o seu *eu* menino com detalhes (a fazenda em Minas, a difícil convivência com a tia, a ida para a escola etc.), numa sequência cronologicamente marcada que vai da partida de Portugal, a permanência no Brasil, ao retorno a Trás-os-Montes. No livro, o narrador traz para a escrita sua feição de observador ainda inexperiente e angustiado em uma terra nova que teve seu solo encharcado por “choros de angústias e de medo” (Torga, 1969, p. 117). O tom mais forte do livro é o ressentimento. Com uma infância extorquida pelo excesso de trabalho no “cativeiro da fazenda”, o desamor parental e o desconforto diante de uma terra (“terreiro da minha infelicidade”) que lhe é estranha, o português aprende, na dura observação e vivência das adversidades, o mundo em sua marca maior de injustiça: “A única pessoa que se interessava por mim – para me rilhar a alma com os seus dentes postiços – era minha tia. [...] Os leitões, os potros, os novilhos, tinham todos os dias quem se interessasse por sua sorte. Eu não” (Torga, 1969, p. 117).

Após quatro anos de longos dias de trabalho na fazenda, já que “Não havia domingos, nem dias santos” (Torga, 1969, p. 118), o tio lança a proposta para ele estudar no Ginásio de Ribeirão e o português aceita sem hesitar. No meio dos estudos, entretanto, o tio vende a fazenda e decide retornar com a família a Portugal. Na cena melancólica que finaliza o livro, o narrador despede-se do país que lhe fez refém sem algemas: “Os colonos continuavam a dizer adeus aos fazendeiros. Meu tio, ao meu lado, talvez repeso de ter vendido a fazenda, não falava. [...] Tudo aquilo se me afigurava distante irreal, doutra existência” (Torga, 1969, p. 177). Finda o segundo dia da criação torguiana.

Mais de quarenta anos depois, um retorno ao Brasil faz surgir novamente essa existência e relança o narrador numa viagem a outra metade de si, como um adulto se assusta ao reconhecer que deixou uma criança esquecida em algum lugar. A nova experiência é acompanhada de perto pela escrita do diário. O registro é, em princípio, pontual: começa em 27 de julho e vai até 01 de setembro, contabilizando os dias a bordo do navio. Agora, a maré do tempo redesenha o cais de angústia. Se na cena final do livro anterior o jovem deixa feliz seu cativeiro, mesmo que em tons secos e sombrios, o narrador do diário distancia-se do revide da adolescência e coloca-se num outro lugar, como aquele que perdeu um país. As cores explodem, juntamente com os sentimentos:

“Ter perdido o Brasil, sabê-lo cada vez mais distante do mapa inexorável do mar, e de repente voltar a vê-lo sólido e concreto diante de mim, foi como se um moribundo rece-

besse, das mãos de um destino que reconsiderasse, mais um dia de vida” (Torga, 1956, p. 139).

A impressão agora apresentada destoa consideravelmente dos tons da narrativa de *A criação do mundo*. O que poderia parecer uma contradição, na verdade, faz parte dos estados paradoxais que a própria escrita de si elabora. Marcello Duarte Mathias, escritor português igualmente diarista, reflete sobre as diversas manifestações do gênero memorialístico, como ele assim o denomina, e da centralidade da memória como a marca que lhe distingue. Em relação ao tempo e ao seu papel no tecido narrativo, ele ponderadamente afirma:

A este propósito, não deixa de ser significativo que duas evocações por parte de um mesmo autor, redigidas em épocas distintas, raramente configurem uma história ou infância idênticas. Ambas influenciadas pelos condicionamentos exteriores a que não escapam, são também portadoras de um olhar diferente que reavalia e interpreta [...] O passado só existe em função da percepção eminentemente falível que o acto de recordar lhe confere. Assim, a cada presente, a ficção do seu passado (Mathias, 1997, p. 43).

Diante dessa compreensão que elege o tempo como construtor e, ao mesmo tempo, dissipador da memória, compreendemos que a diferença entre os modos de narrar é essencial também para as diversas e aparentemente contraditórias percepções do rememorado. Por isso, o envolvimento do eu entre a experiência e a recordação não será unilateral ou passivo, investido e atravessado que está pelo movimento irregular e intenso da ação de recordar. Nessa perspectiva, Gusdorf (1948, p. 53, tradução nossa) apresenta uma leitura esclarecedora, pois, para ele, a memória “Mais que um documento íntimo, é, na maioria das vezes, uma relação de eventos nos quais o narrador esteve misturado”<sup>4</sup>. O *como misturar-se* acaba fomentando os modos de narrar. Portanto, n’*A criação do mundo*, temos um relato no qual a memória recobra os eventos e os reescreve, mantendo as sensações vivenciadas pela criança e pelo adolescente como fio norteador da escrita e do eu adulto.

Se no livro de memórias, o eu narrativo impõe um pudor cheio de orgulho, na prática diarística, ele fraqueja em algumas partes e, despreocupado do controle que exerce sobre o texto e conseqüentemente sobre a recepção, está mais aberto a si. Assim, as modulações do eu, sentencioso e distante, no primeiro; íntimo e oscilante no segundo, nos revelam faces tanto de um mesmo acontecimento quanto daquele que narra.

Essa diferença entre os subgêneros (memória e diário) tem na própria bibliografia sobre o tema uma discussão larga e cheia de contendas. No entanto, na leitura do *Diário VII*, claramente se percebe a intenção do autor em criar um *topos* para o tipo de texto que produz. Ao revelar, dentro do seu perfil, as impressões de uma série de experiências vividas, ele acaba por, fragmentariamente, criar uma teoria do *journal intime*. Para Torga, o diário teria outra perspectiva, a testemunhal, a única que tornaria o relato válido:

Pessoalmente, apenas lhe encontro uma significação positiva: testemunhar passo a passo o que foi a crucificação espiritual de um homem insubmisso, que nem no comportamento íntimo, nem no público, se rendeu a uma época... Ficarão como votos de sobrevivência, imposições cotidianas feitas ao poeta pelo instinto de conservação (Torga, 1956, p. 11).

Maurice Blanchot, em seu ensaio *O diário íntimo e a narrativa* (2013, p. 273), destaca justamente o significado de tomar notas dos dias. Para o pensador francês, tal ação é uma “maneira cômoda de escapar ao silêncio” pelas palavras, pois cada momento tem sempre algo a ser testemunhado e “cada dia anotado é um dia preservado”. Dessa forma, o eu diarístico assume, então, um papel de testemunha dos acontecimentos da sua vida e, conseqüentemente, se reveste de observador do que acontece ao seu redor, em vistas sociais e históricas. O diário torna-se também um meio de conservação da memória, pela dupla possibilidade de vivência da experiência: presenciar o acontecido e tomar notas sobre ele para que, depois, possa lembrá-lo. Por isso, sua narrativa nos revela uma preservação maior da espontaneidade do relato sobre um determinado acontecimento, além de deixar os sentimentos que o envolvem mais explícitos.

O testemunho, já dentro de uma perspectiva histórica, está par a par com injunções sociais e políticas de grande monta (guerras, catástrofes, epidemias etc.) que exploram a pequenez do homem diante de acontecimentos que lhe são maiores e quase incompreensíveis, como o Holocausto, por exemplo. São situações-limite que impõem um silêncio quebrado pelo testemunhar. Eugénia Vilela, ao analisar a obra de Primo Levi, sensivelmente se aproxima de uma definição do testemunho: “Ele é o enfrentamento agônico – entre as forças de morte e as forças de vida latentes na experiência limite de um indivíduo ou de um conjunto de indivíduo – que procura ser resolvido através de uma forma essencial do humano enfrentar o abismo: a linguagem” (Vilela, 2008, p. 134). Para a estudiosa, há um silêncio que roga por palavras e necessita de uma voz para tomar envergadura. Percebe-se aí a centralidade do acontecimento e não somente do eu, pois o testemunhador não está para si, mas principalmente para o outro, num compromisso com o desvelamento de uma verdade que precisa ser conhecida pela coletividade.

Diante da predominância da primeira pessoa nos diários torguianos em detrimento de acontecimentos políticos ou sociais, a função do testemunhar perde força nesse compromisso com o outro e aproxima-se, em parte, do esforço narcísico da autobiografia. Se pensarmos que são 16 volumes de diários, tal insistência em dizer de si e publicar confere importância aos fatos menores do cotidiano e faz surgir um dos impulsos do diarista de meia idade: dizer, no fundo, que sua vida tem valor e serve de exemplo para a sociedade. Rocha, estudiosa da obra de Torga, confirma essa perspectiva na análise que faz do eu autobiográfico:

Não é qualquer homem, em qualquer momento e lugar, que escreve uma relação da sua vida. Para que isso aconteça, é necessário que ele tenha consciência da singularidade da sua existência, o que implica um certo grau de individualismo; e, por outro lado, que essa singularidade lhe pareça suficientemente exemplar para poder interessar a alguém, depois de tal acontecido com ele próprio (Rocha, 1977, p. 71 – 72).

Quando é o fato que comanda, se pensarmos o fato como dado visível do real, acompanhamos uma narrativa que adquire força e consistência no narrado. Se, para além do fato, está em questão o *acontecimento*, a densidade íntima adentra o texto, pois o acontecimento não é o fato, mas a sua repercussão interior, a marca no inconsciente, aquilo que não tem representação ou que não se repete. Assim, o acontecimento atinge em cheio o memorialista e quando, diante da recordação, vê-se frente à emoção que ela desperta, procura uma ligação interna que elabore significados.

Dentro dessa perspectiva, Torga amplia sua estada no mundo e confere importância a pequenos detalhes que dá conta no livro. Percebemos que estamos ao lado de um eu narcísico que está a todo momento dando opinião sobre o movimento da vida, opinião essa quase sempre na contracorrente, amarga, indisposta. Embora se considere um injustiçado e crucificado, ou seja, quase uma vítima, o que representa a outra face do discurso narcísico, ele põe-se no comando de um barco cansado de navegação, mas que não quer naufragar.

Diferentemente de um diário adolescente, que vibra de energia inconclusa, ansioso pelo próximo dia, o diário do envelhecido não anseia o futuro, no entanto, precisa, até mesmo pela urgência do tempo - o tempo da morte -, recuperar o passado para estar no presente. O propósito de unir as duas metades da vida toma corpo e passa a adquirir um sentido real da prática autobiográfica: “[...] atar sempre a ponta esperançosa do princípio do novelo à ponta desesperada do fim” (Torga, 1956, p. 29). Para isso, é preciso que o narrador imponha um trabalho de “conservar e reagrupar a vida cotidiana dispersa, de multiplicar a consciência de si” (Gusdorf, 1948, p. 63, tradução nossa)<sup>5</sup>. Conciliar o esforço da memória, o impacto das lembranças e a sua reescrita não é tarefa fácil: “Mesmo nessa forma emocional, é uma questão de sempre se elevar a uma transcendência verdadeira de si mesmo” (Gusdorf, 1948, p. 63)<sup>6</sup>.

Instado por esse trabalho de Sísifo, o narrador busca formas alternativas de medir e sentir o tempo: “[...] já me lembrei de roubar numa destas cabines do balneário uma ampulheta que funciona mal, e guiar-me pelos seus caprichos” (Torga, 1956, p. 29). E dentro desse novo calendário, marcado por uma pulsão, Torga, ao sintetizar a função do poeta, na verdade a aproxima da relevância hipoteticamente menor do diário: “Um poeta é uma espécie de sótão da humanidade: tudo o que não tem uso amontoa-se na sua consciência disponível” (Torga, 1956, p. 51).

## TERRITÓRIOS DA RECORDAÇÃO

Se a consciência é o sótão, o eu narrativo, por força da nova viagem ao Brasil, se depara com o eu do exílio da juventude e cai, agora, no porão das lembranças. Nessas passagens, o diário adquire outros tons, fica mais emotivo, ganha ares de elevação, a pessoalidade invade as considerações, o narrador baixa a guarda e consegue afirmar sua nebulosidade: “Nem sei o que sinto” (Torga, 1956, p. 118). Os primeiros momentos no Brasil, no entanto, ainda são de controle do que está por vir. Ancorado no porto da Guanabara, o narrador, diante da imediata lembrança do ontem, parte para uma autoanálise imperiosa: “À brumosa confusão infantil corresponde agora uma clara serenidade que avalia, distingue, aplaude ou reprova” (1956, p. 18). A função parece ainda ser judicativa, como as antigas confissões, em que o eu se duplica e se coloca em julgamento.

Mudei. Mudei por fora e por dentro, e à medida que me aproximo do pequenito que espera por mim, descubro que o tempo, longe de seguir o exemplo da água, que cede à compressão do navio e o deixa encontra-se à terra, se alarga cada vez mais entre nós. E semelhante estorvo, que também analiso, transforma os impulsos sentimentais em congeminações abstratas (Torga, 1956, p. 119).

Tal procedimento, que faz parte mesmo do processo da autoanálise, exige essa relação especular, que observa e compara a existência no passado e no presente. Dessa forma, dois *eus* coexistem, o do passado que viveu as experiências e o do presente que vai relatá-las: “a formação do eu através da palavra corresponde a um segundo nascimento, e o sujeito que (se) narra é um outro, um duplo da pessoa real” (Rocha, 1992, p. 46).

Paul Ricoeur, em *Tempo e narrativa: o tempo narrado* (Tomo III) (1997), congrega estudos sobre a relação do homem com o tempo, que interfere na constituição identitária desse sujeito crônico. Para o filósofo francês, o principal papel da memória é o dever de não esquecer e anteciper uma última reflexão, reunindo o ato criativo da escrita e as lembranças. Ricoeur faz observações sobre o tempo em sua posição psicológica (passado e presente) e diarística (tempo demarcado no calendário). O sol, a noite, os anos, a marcação de meses e dias da semana, é o que o estudioso chama de contagem ou divisão do tempo crônico, que permite ligar os acontecimentos da vida a uma data, ou seja, permite dar uma posição temporal ao acontecido e alongar a lembrança: “os acontecimentos de nossa própria vida recebem uma situação com relação aos acontecimentos datados” (Ricoeur, 1997, p. 183). Com isso, Ricoeur também reflete sobre a memória como continuidade existencial de um sujeito, isto é, as reminiscências agem como formadores de uma identidade através da reunião entre passado e presente. No mais, o sujeito que “datou” seus acontecimentos, permitindo que eles adquirissem uma particularidade no tempo, deixa-se ser revisitado como forma também de encontrar neles aquilo que foi importante para seu constructo.

O tempo, portanto, no *Diário* de Torga, desata-se do acompanhamento periódico mais preciso e abraça uma reflexão maior que expõe o ser em sua fragmentação inexorável, o que de certa forma inviabiliza o objetivo de montar “harmonicamente” a linha da vida. Os acontecimentos são únicos, sua força se mantém no impacto que provocam e será esse impacto desestabilizador a que Torga vai voltar. Por isso, em muitos momentos, já antecipando o abalo das recordações, o que ele mais deseja é “ver se enterro o passado, se descubro o presente e se vislumbro o futuro” (Torga, 1956, p. 119). Mas, como bem diz o poeta, “As intenções são boas, mas a aventura é descomunal” (Torga, 1956, p. 120).

A duplicidade do eu também se manifesta sob outra percepção. Se antes ele se colocava, de certa forma, como o censor do mundo, julgando e avaliando os acontecimentos, lugares e pessoas de maneira cética, agora fica num outro plano de si, pequeno e maravilhado: “E em vez de me atrever a *medir* a realidade, quase que lhe *peço* que me proteja da sua grandeza” (Torga, 1956, p. 120, grifos nossos). Os verbos utilizados dão bem a medida dessa transformação: um primeiro eu que intenta medir e um outro que, impactado pelo *objeto de análise*, pede, sujeita-se.

Assim, logo em seguida vemo-nos, pelo diário, diante de um país efervescente, “um triunfo no plano moral e estético” (Torga, 1956, p. 120). O texto pulsa em palavras cujo campo semântico inspira fulgor, êxtase, numa desapropriação momentânea dos escondidos entristecidos do eu. Assim, “entusiasmado”, “deslumbrado”, “maravilhado” passam a ser palavras constantes para se aproximar da percepção da grandeza da natureza e do povo e de como essa percepção entra imediatamente na elaboração da imagem e na vivência do sentimento que experimenta. A própria forma verbal dos vocábulos, que se encontram no participípio, tempo indicador daquele que sofre a ação, revela esse lugar transversal do narrador, atravessado literalmente pela linha tropical.

O “pobre anão estarrecido”, como agora se autodenomina, dá sequência à sensação de deslumbre em São Paulo, para onde se desloca no dia 09 de agosto. Na cidade enérgica, ele permanece, entre palestras, encontros e viagens, e se assusta ao perceber que a cidade, “tão feroz, tão grande e tentacular”, não o devorou. Novamente no Rio (16 de agosto), continua a exaltação da disponibilidade tropical:

Que espetáculo maravilhoso é este Brasil a ferver, aquecido pelo calor do sol e pelo fogo das paixões! Quando me lembro que hei-de regressar ao borralho climático de Portugal e social da Europa, até sinto calafrios. Aquela velhice temperada terá história, terá experiência, terá arte, terá tudo. Mas o que ela não tem é o encanto de uma disponibilidade total, que vai do solo às almas e às instituições... (Torga, 1956, p. 127).

Para entender a imersão e as formas de manifestação do eu num espaço mediado pela intimidade, é importante compreender as relações complexas e intersubjetivas que circundam o homem e a geograficidade



de um lugar. Nesse sentido a Geografia Humanista<sup>7</sup> traz uma contribuição valorosa, pois recupera conceitos como paisagem, espaço e lugar a partir de uma dimensão afetiva e existencial em que o sujeito tem papel fecundador. A partir da noção de experiências íntimas, a Geografia Humanista desvincula-se dos grandes espaços e estuda lugaridades que seriam significativas pelas experiências que nelas foram vivenciadas: “Os lugares íntimos são tantos quanto as ocasiões em que as pessoas verdadeiramente estabelecem contato. Como são esses lugares? São transitórios e pessoais” (Tuan, 1983, p. 156). A paisagem, portanto, somente se torna significativa quando relacionada a um sujeito, a uma experiência, a uma percepção e a um sentimento.

Dessa feita, a relação estabelecida com o Brasil acaba encontrando um tempo histórico particular e uma espacialidade que está distante das marcações habituais: “De tanto desejar ver esta terra, entrei nela com a sensação de a ter atraído a um encontro comigo a meio caminho de Portugal e do Brasil” (Torga, 1956, p. 129). Esse depoimento nos dá a ideia de uma suspensão, de um outro lugar além do real: “E não há dúvida que calhou às mil maravilhas visitá-la debaixo dessa impressão instável de estar e não estar a pisar a realidade” (Torga, 1956, p. 129). Ou seja, uma vez que a experiência está interligada à tríade sensação, percepção e concepção do lugar, o sujeito deixa-se afetar intimamente e tem sua capacidade de discernimento alterada por “perturbações da alma tão profundas” (Torga, 1956, p. 136).

É importante perceber que, nesse primeiro momento no Brasil, o escritor encontra-se num espaço parcialmente familiar, pois as cidades inicialmente visitadas não foram a morada do menino: São Paulo, Rio de Janeiro, Congonhas do Campo, Ouro Preto e Belo Horizonte. Se pensarmos ainda segundo a perspectiva da Geografia Humanista, podemos entender essa primeira estada por meio do conceito de *espaço*, categoria que diz de uma disposição que apela para o amplo, ainda abstrato, que permite movimento e direção (Tuan, 1984, p. 153). Quando, no dia 23 de agosto, Torga se encontra em Banco Verde, ou seja, na proximidade da fazenda do tio, o *espaço* cede lugar à categoria de *lugar*, que congrega em si uma dimensão de proximidade, de caráter íntimo, e, por isso, pede uma *pausa*. A pausa seria o momento de encontro com a lembrança do ocorrido, quando as recordações, atravessadas pela sensação, sacodem o sujeito e o colocam frente à realidade construída pela experiência. Na concepção de Tuan, “a pausa permite que uma localidade se torne um centro de reconhecido valor” (1983, p. 153). Daí a mudança de tom da narrativa e de estado d’alma daquele que escreve: “Há forças inibitórias de natureza afetiva que não me deixam erguer a ponta do véu da verdade. Olho as pessoas com o alvoroço sentimental dum reencontro longamente apetecido” (Torga, 1956, p. 134). O valor do lugar, enlaçado à experiência íntima que com ele manteve, subtrai mais do que produz palavras. Aqui, o diário perde seu status de anotação minuciosa de fatos e se transforma num “nó na garganta”, onde as lembranças são “terremotos interiores sem registo possível” (Torga, 1956, p. 135):

Ainda cuidei que venceria essas fraquezas da emoção. Qual o quê! À medida que o tempo foi decorrendo, a energia crítica foi diminuindo. E hoje, justamente, creio que chegou ao zero. [...] Bem desejava eu manter-me sereno, passar da fachada monumental ao espírito da escola, ou da imagem traumatizada dos morros à sua autêntica fisionomia geográfica. Nada! As colunas do casarão impuseram-se-me terríficas como outrora, e o sapé das pastagens pica-me novamente os pés da infância. É difícil visitar em pura neutralidade de observador um país, um lugar, um simples estabelecimento que fazem parte da nossa história pregressa (Torga, 1956, p. 135).

O silêncio provocado pelo encontro com o lugar interiorizado (do País) em si faz-nos retornar à ideia de experiência limite que está presente no testemunho. O testemunhar do mundo, a que ele faz referência no início do diário, cede lugar à impossibilidade do testemunho, pelo menos da referencialidade que a ele está associada, e confronta-se com a dimensão da dor. Essa dor, que é lacunar, em verdade provoca uma ausência.

Assim, a experiência radical da infância de Torga no interior de Minas Gerais, quando se viu em meio a uma guerra – pequena, familiar, íntima, mas igualmente bélica e destruidora – retomada no tempo presente, na presença concreta e no *continuum* da escrita, impede o sonho inicial do diarista de juntar as duas metades. Entre elas, um silêncio elabora uma linha que não pode ser cortada. O que provoca esse impedimento é justamente a presença do narrador no lugar da experiência. Essa ambientação o faz fraquejar, pois revive a experiência, que por sua vez o emudece. O eu, penoso de si, volta ao lugar habitual e sentencia: “Que me perdoe o Brasil. Foi por lhe ter dado o melhor de mim na infância que agora o não posso olhar com adulta serenidade” (Torga, 1956, p. 136).

No *Diário*, o reencontro tão anunciado e ansiado ganha somente um dia (23 de agosto) e acaba sendo mais poderoso do que todos os outros passados sob o sol da alegria. Esse dia agônico invade o ser e será com essa escuridão que o adulto retorna a Portugal. O silêncio imposto pela confrontação com o lugar estende sua dor para a paisagem e o espaço agora é inundado pelo pessimismo em preto e branco da despedida: “Deixo o Brasil envolvido em negrura. Escuridão física da noite, que oculta o meio geográfico num apreço espesso, e treva metafísica das circunstâncias, que cobrem de luto o país inteiro” (Torga, 1956, p. 136).

A variação da expressão do eu, entre a consciência (sótão) e a memória (porão), traz-nos dois narradores bem diversos. Em *A criação do mundo - sexto dia* (1981), essa mesma viagem é reescrita. O Brasil é um país diferente nesse livro, distante da empolgação feliz do *Diário VII*. A distância temporal e espacial faz que com que haja uma supressão dos sentimentos, que não são bem-vindos e transparecem contradições entre as percepções e os relatos. De São Paulo ele deseja fugir, a fazenda do tio é quase um lugar já amansado pelo tempo e o narrador um homem inteiro,

sobranceiro, sem fissuras. No diário, revela-se um eu fragmentado, lacunar, impreciso, sofrido. Isso lhe dá uma humanidade ímpar. A incompletude explode em presença efetiva e afetiva, trazendo para a página a expressão apenas sugestionada de uma experiência que fratura e humaniza: “A viagem está no fim, e por mais que tente não consigo concretizá-la no meu espírito. Parece-me que morri durante este mês, e ressuscito agora, apenas com a entorpecida memória de uma ausência” (Torga, 1956, p. 144).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BLANCHOT, Maurice. O diário íntimo e a narrativa. In: *O livro por vir*. Trad. Leyla Perrone-Moisés. 2ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

GUSDORF, Georges. *La découverte de soi*. Paris: Les Presses universitaires de France, 1948. Collection: “Bibliothèque de philosophie contemporaine”.

MATHIAS, Marcello Duarte. “Autobiografias e diários”. In: *Revista Colóquio/Letras*. n. 143/144, Jan. 1997, p. 41-62.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa: tempo narrativo* (Tomo III). Trad. Roberto Leal Ferreira. Campinas, SP: Papyrus, 1997.

ROCHA, Clara. *As máscaras de Narciso: estudos sobre a literatura autobiográfica em Portugal*. Coimbra: Almedina, 1992.

\_\_\_\_\_. *O espaço autobiográfico em Miguel Torga*. Coimbra: Almedina, 1977.

TORGA, Miguel. *A criação do mundo: os dois primeiros dias*. 4 ed. Almedina: Coimbra, 1969.

\_\_\_\_\_. Diário VII. Coimbra, 1956.

TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

VILELA, Eugénia. “A criança imemorial: experiência, silêncio e testemunho”. In: BORBA, Siomara; KOHAN, Walter (orgs.). *Filosofia, aprendizagem e experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

*Recebido para publicação em 30/10/18*

*Aprovado em 01/02/19*

## NOTAS

1 Professora Adjunta de Literatura Brasileira, Curso de Letras, da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Pós-Doutora em Literatura Brasileira - Universidade de Lisboa (CEC-UL).

2 Bolsista CAPES. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Ceará (PPGLEtras - UFC). Graduada em Letras - Universidade Estadual do Ceará (UECE).

3 “me rappelle que je suis. Elle ne m'apprend pas ce que je suis” (Gusdorf, 1948, p. 13).

4 “Plutôt que d'un document intime il s'agit le plus souvent d'une relation des événements auxquels le narrateur a été mêlé” (Gusdorf, 1948, p. 53).

5 “conserver et de regrouper la vie quotienne dispersée, de multiplier la conscience de soi” (Gusdorf, 1948, p. 63).

6 “Même sous cette forme émotive, il s'agit toujours de s'élever jusqu'à une véritable transcendance de soi à soi” (Gusdorf, 1948, p. 63).

7 A Geografia Humanista caracteriza-se por incorporar ao seu objeto de estudo uma abordagem existencialista, com influência decisiva da fenomenologia. Conceitos como “mundo vivido” e “ser-no-mundo”, entre outros, redirecionam a perspectiva e problematizam universais da Geografia, sobretudo a ideia e conceito de lugar. Além de Yi-Fu Tuan, merece referência Eric Dardel, cujo livro *L'homme et la terre* (1990) constitui um marco dessa nova configuração.